

RECONHECER-SE NO INCONSCIENTE. A ÉTICA DA PSICANÁLISE.

MARÍA EUGENIA VILA

...Quem deseja, mas não faz, engendra a peste¹...

William Blake, *Proverbios del infierno*

Lacan em *Televisão* se refere à ética de bem-dizer, "...do dever de bem-dizer ou de orientar-se no inconsciente..." Ele levanta isso em relação à tristeza, à depressão e afirma que *"não se trata, porém, de um estado ~, almas, é simplesmente uma falta moral, como se expressa Dante e até mesmo Spinoza, um pecado, o que quer dizer, covardia moral..."*² Baruch Spinoza considera o desejo como a essência do homem; em sua obra *Ética*, considera pusilânimes aqueles que *reprimem seu desejo por medo do mal³, muitas vezes sendo o homem -diz ele- quem causa o que o deixa triste ou feliz.*

Várias maneiras de dizer que a rejeição do desejo inconsciente não é sem consequências. Refiro-me ao inconsciente como lógica da incompletude. Lacan usa dois matemas para nomeá-lo: S₂ Saber Inconsciente e -quando ele retorna- S₁ Significante unário, eficácia de um furo, da falta que é a causa. Com o retorno do traço que representa o sujeito, traço libertador que desaliena, assistimos à posta em ato da castração. Assim, arriscamos que a rejeição do inconsciente implica, em última instância, a rejeição da castração que pode ser recalçada, foracluída ou renegada. Reconhecer o inconsciente é admitir que além da dimensão do eu somos habitados por desejos, mandatos, tentações, mas sobretudo, por uma instância, um processador lógico que trabalha em nós e produz efeitos.

Lacan trabalha bastante no seminário da Ética sobre a proposta aristotélica baseada no Bem Supremo, em um ser supremo, Deus, e coloca as diferenças.

A ética da Psicanálise inscreve-se num outro registro. A partir dos desenvolvimentos freudianos, aponta para o radicalmente inconsciente que rege nossos atos.

¹ Blake, William. Antología bilingüe. Alianza editorial. Página 157.

² *Televisão* é o texto que foi emitido e transmitido pela Radiotelevisão francesa em 1973.

Jacques Lacan. *Televisão*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1993

³ Spinoza, Baruch. *Ética*. Editorial Gredos. Página 145. (tradução livre para o texto)

“...Freud não duvida, -coloca Lacan- não mais do que Aristóteles, de que o que o homem busca, seu fim, seja a felicidade”⁴. O que o pensamento freudiano introduz é que não há nada natural para que isso aconteça. Além do princípio do prazer que entorpece, a pulsão desperta. A compulsão à repetição articulada à pulsão de morte lhe permite lançar as bases para uma ética do singular.

Lacan em seu seminário da Ética retoma o conceito de objeto perdido trabalhado precocemente por Freud. Ele o chama de *Das ding* e se propõe a pensá-lo como a perda da ilusão do grande Outro. Sonho do paraíso perdido e a tentativa de reencontrar esse objeto. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal -diz Lacan-. Jamais ele será reencontrado...O mundo freudiano... comporta que é esse objeto, das Ding, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar.⁵

Não há completude. Diferença radical com a ética que se baseia em um ser supremo, deus. De diversas maneiras Lacan levanta o esvaziamento do ser, o vazio do ser. Nomeia o sujeito *manque a etre*, falta-a-ser.

Ele usa um neologismo -*parlêtre*- que alude à linguagem e ao ser. *A palavra corta o ser, algo do ser se perde*, diz Isidoro Vegh em seu texto “Retorno a Lacan”. *Mas também - aponta- o ser mostra que a palavra é insuficiente para abarcá-lo*. A questão do ser em Psicanálise se apresenta de forma paradoxal, trata-se de deixar de ser, um vazio que é causa. Que o sujeito possa avançar em seu desejo não é sem perda de gozo. O gozo ligado ao gozo do Outro, inexistente mas efetivo, não é o mesmo que o gozo ligado ao desejo. Em *A direção do tratamento*, Lacan propõe que o analista *faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser*⁶. Ele paga com palavras, com sua pessoa. Ele mantém, em diferentes momentos da cura, o lugar para o qual a transferência o convoca sustentado pela função Desejo do analista. Torna-se *semblant*, efeito de fala.

⁴ Jacques Lacan. O *Seminário, livro 7: A ética da psicanálise: (1959-1960)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1988. Aula I (18 de novembro de 1959) pág. 23

⁵ Jacques Lacan. O *Seminário, livro 7: A ética da psicanálise: (1959-1960)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1988. Aula IV (9 de dezembro de 1959) pág. 69

⁶ Lacan, Jacques. *Escritos. A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 1998. Página 596.

É necessário ele não se identificar ao local que a transferência o convoca. A função desejo do analista se baseia em uma falta e opera estabelecendo a distância máxima entre o ideal e o objeto, *situando-nos, como analistas, em oposição ao que Freud⁷ chama de hipnose, como uma massa de dois*⁸. A abstinência é uma forma de operar o desejo do analista, que suspende o gozo para não ceder ao seu desejo e não fazer resistência à análise.

No momento do ato analítico, perde-se aquele falso ser, o *faux être* que operou na transferência. *Um é aquela verdade*⁹ como vazio, irremediável, incurável, que Lacan coloca no Seminário sobre o Ato; passagem do não penso ao não sou, rejeição de ser aquele objeto que encobre a falta. O ato também diz respeito ao analista que “torna-se resíduo”¹⁰, des ser o SsS.

As reviravoltas na análise, -decididos a levar a própria análise a fronteiras desconhecidas-, nos deixam avisados dos gozes que nos habitam e dos caminhos emaranhados em que podemos perder a bússola, a do desejo, não só advertidos, mas também responsável do real. O que não é ser culpado. Sabemos que a culpa é incestuosa, evidência da proibição do Outro de agir de acordo com seu desejo. Lacan aponta que *a única coisa da qual se possa ser culpado, pelo menos na perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo*¹¹. Ele aponta explicitamente que a ética da Psicanálise diz respeito a não ceder ao desejo.

O percurso por uma análise promove uma interrogação permanente das escritas hieroglíficas do inconsciente que, estruturadas como uma linguagem, estão na análise que se ordena no discurso. Portanto, além do significante, trata-se do gozo, do objeto *a* e do sujeito. O inconsciente cifra e o analista decifra enigmas. Por haver um gozo proibido, eles passam à consciência como *rébus*, escrituras a serem decifradas. Reconhecer-se no inconsciente diz respeito a deixar-se levar por suas formações, o equívoco, o lapso, o passo

⁷ En Psicología de las masas y análisis del yo. S. Freud . Amorrortu tomo XVII.

⁸ Vila, Maria Eugenia. El deseo del analista. Eficacias clínicas. Reunión Lacanoamericana de Psicoanálisis Rio de Janeiro 2017.

⁹ Lacan, Jacques. Seminario El acto Psicoanalítico. Clase del 10 de enero de 1968. Traducción para circulación interna de la EFBA.

¹⁰ Lacan, Jacques. Seminario El acto analítico. Traducción para circulación interna de la EFBA.

¹¹ Jacques Lacan. O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise: (1959-1960) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1988. Aula XXIV (6 de julho de 1960) pág. 382.

em falso, sendo trabalhados por esses desvios pelos quais se manifesta a divisão do sujeito.

A ética do bem dizer também corresponde ao *savoir e faire* com aqueles restos de gozo que não passam de novo e de novo, pela lógica do inconsciente. Trata-se de como o sujeito responde ao real. Localizar novos canais de gozo para aqueles restos que não cedem, possibilita que não nos desviemos, por assim dizer, no laço social que transitamos, para que não ocorram excessos de gozo parasitário. A responsabilidade é do sujeito, sua resposta conta como ele se posiciona diante do impossível, do real. Assim ele poderá fazer lá com o que for possível.

No seminário *L'insu...* Lacan sustenta o inconsciente como uma lógica da incompletude ligada ao imaginário e ao real. É o sujeito da estrutura RSI, uma estrutura tórica que inclui o vazio. Estruturado como uma linguagem, o inconsciente habita *lalíngua*. L'unebevue, homófono a L'Unbewusst coloca o equívoco de que não são apenas homofonias, mas também, mais de um sentido, uma mistura aleatória de fonemas, palavras, frases. Joga-se na superfície do discurso e no meio do dizer produz sua própria escrita. Um dizer que ex-siste do dito, *...não cabe aí a não ser por ek.sistir...*¹² O dizer diz respeito à enunciação, à ética do bem dizer; *o dizer inconsciente*¹³, com suas formas emaranhadas, furtivas, graciosas -às vezes- de se manifestar trazem o sujeito, que é efeito... *que surge no relâmpago de um instante, no vazio do verbo ser*¹⁴. Lacan articula a questão de ceder ao desejo¹⁵ com traição, trair-se, desejar “metonímia do ser”.

Reconhecer-se no inconsciente permite-nos desfrutar do que nos diz Jorge L. Borges no seu poema *El ápice... A tua matéria é o tempo, o incessante*

tempo. Você é cada momento solitário.

¹² Lacan, Jacques. *L'Étourdit. Otros escritos*. Editorial Paidós.

¹³ Vegh, Isidoro. *Lectura de L'Étourdit*. Editorial Escuela Freudiana de Buenos Aires.

¹⁴ Lacan, Jacques. *La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud*. Escritos 1. Editorial siglo XXI.

¹⁵ Lacan, Jacques. *Seminario La Ética*. Editorial Paidós. Página 381.